

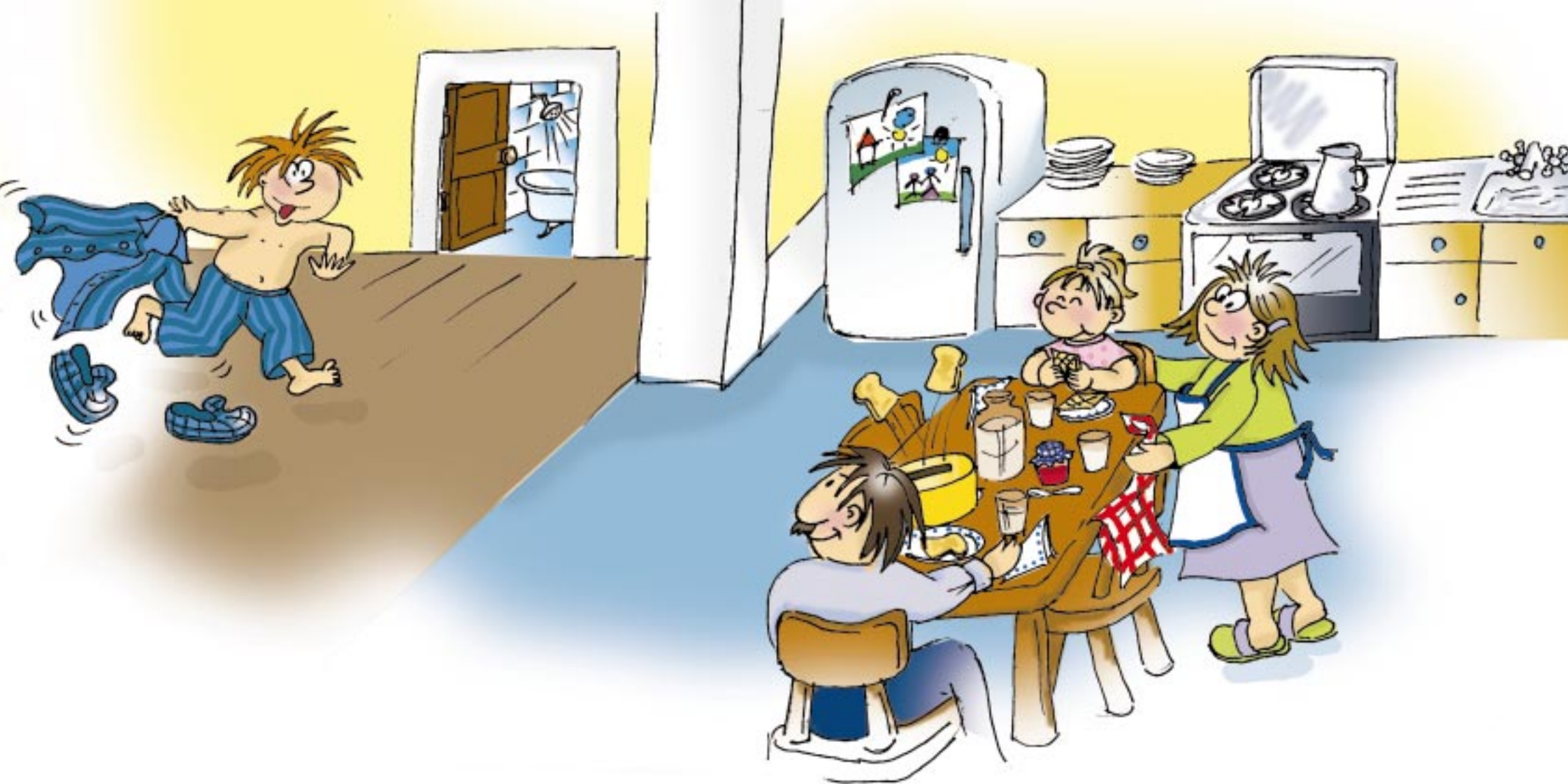


# Uma Aventura na Terra dos Direitos



PAULA GUIMARÃES

Titulo: Uma Aventura na Terra dos Direitos  
Autora: Paula Guimarães  
Ilustrações e design: Marcad'água designers, Lda.  
Edição: IDS-Instituto para o Desenvolvimento Social  
Rua Castilho, nº5 - 3º - 1250-066 Lisboa  
Tel. 21 318 49 00 - Fax. 21 313 95 59  
E-mail: [IDS@seg-social.pt](mailto:IDS@seg-social.pt)  
Direitos reservados  
Tiragem: 10.000 Exemplares  
Impressão e Acabamento: Fernandes & Terceiro, Lda.  
Depósito Legal: 0000000000 ???



Quando acordou achou que era um dia especial. Não sabia bem porquê, mas sentia uma enorme excitação que o fez levantar-se rapidamente e correr para a casa de banho.

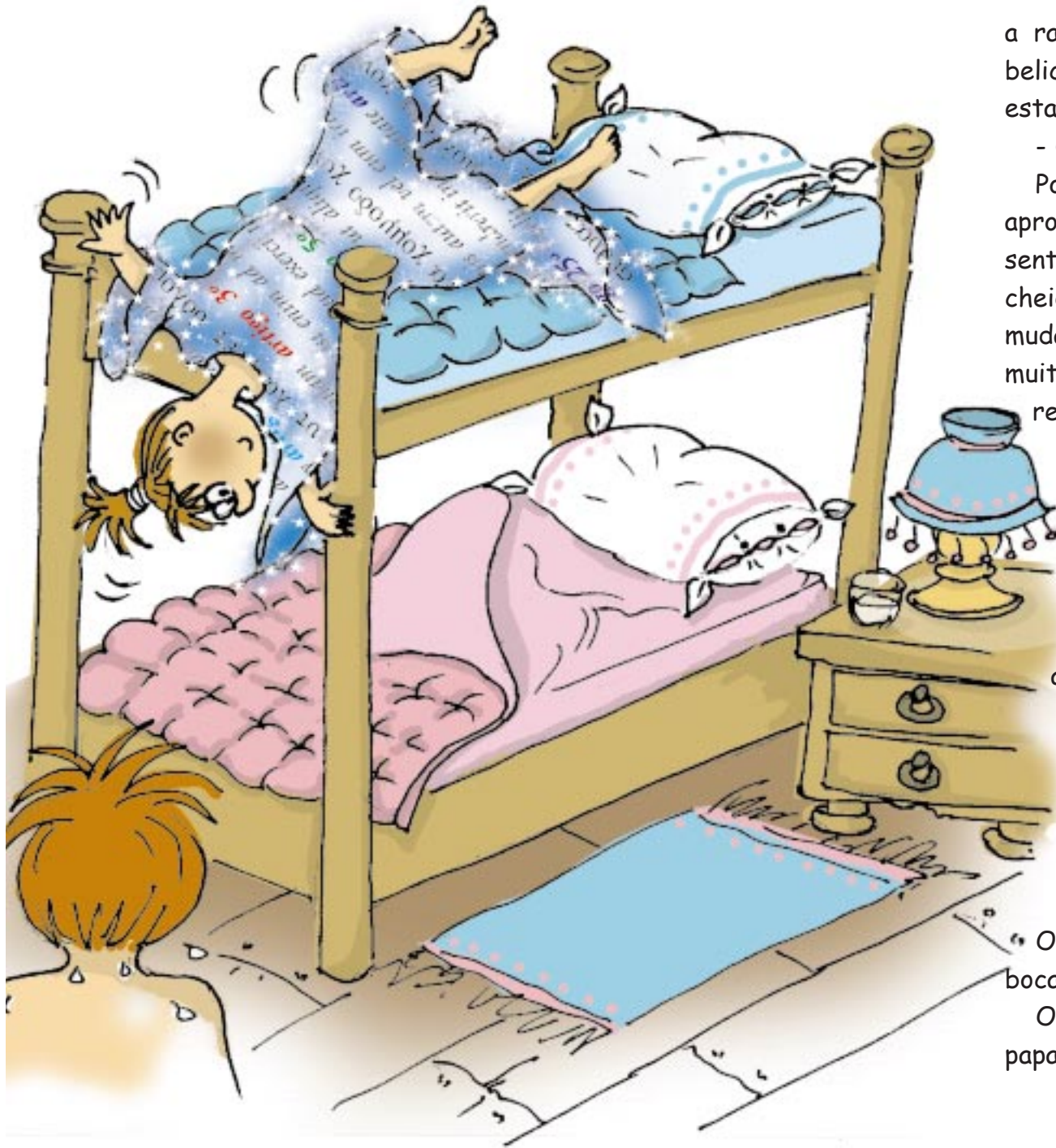
- Ena!!! - até disse o pai quando o viu passar a correr.

- Hoje não é preciso chamar-te duas vezes.

- Bom dia pai! Bom dia mãe! Bom dia Guida! - foi o João dizendo enquanto despia o pijama e entrava para a banheira.

Estava quente e cheirava bem. O sabonete deslizava na pele como um trenó na neve e ele começou a cantarolar entusiasmado.

Só de regresso ao quarto é que começou a perceber



a razão porque se sentia tão feliz. Empoleirada no beliche, de cabeça para baixo, fazendo equilíbrios, estava uma estranha rapariga.

- Olá João!

Por um triz ele não gritou de surpresa. Foi-se aproximando devagar à medida que ela se erguia e se sentava na cama. Estava vestida com um longo vestido cheio de letras e a sua cara parecia estar sempre a mudar. Tão depressa tinha bochechas como ficava muito magra e os seus olhos mudavam de cor como se reflectissem a luz.

- Quem és tu?

- Sou a Convenção.

- Conceição?

- Não, Convenção.

- Mas que nome tão esquisito...

nunca tinha ouvido. Como é que apareceste aqui? És amiga da minha irmã Guida?

- Também sou, mas desta vez venho por tua causa. Sabes, faço anos hoje e queria convidar-te para uma festa na minha terra.

- Boa! Eu adoro festas, mas tenho que pedir aos meus pais...

- Claro.

“ O João encaminhou-se para a cozinha, ainda um bocado atordoado por tanta novidade.

O pai punha a manteiga nas torradas e a mãe dava a papa à irmã. Ele não precisou de dizer nada.

Eles sorriram para ele de uma forma cúmplice e disseram:

- Então estás preparado para a aventura? Podes ir e diverte-te...
  - Mas... e a escola...?
  - O que vais aprender hoje com a Convenção também é muito importante. Toca a andar e goza bem o dia de aniversário.
- A rapariga apareceu à porta e chamou-o.
- Estás pronto?
  - Estou!
  - Então vamos embora, dá-me a tua mão.

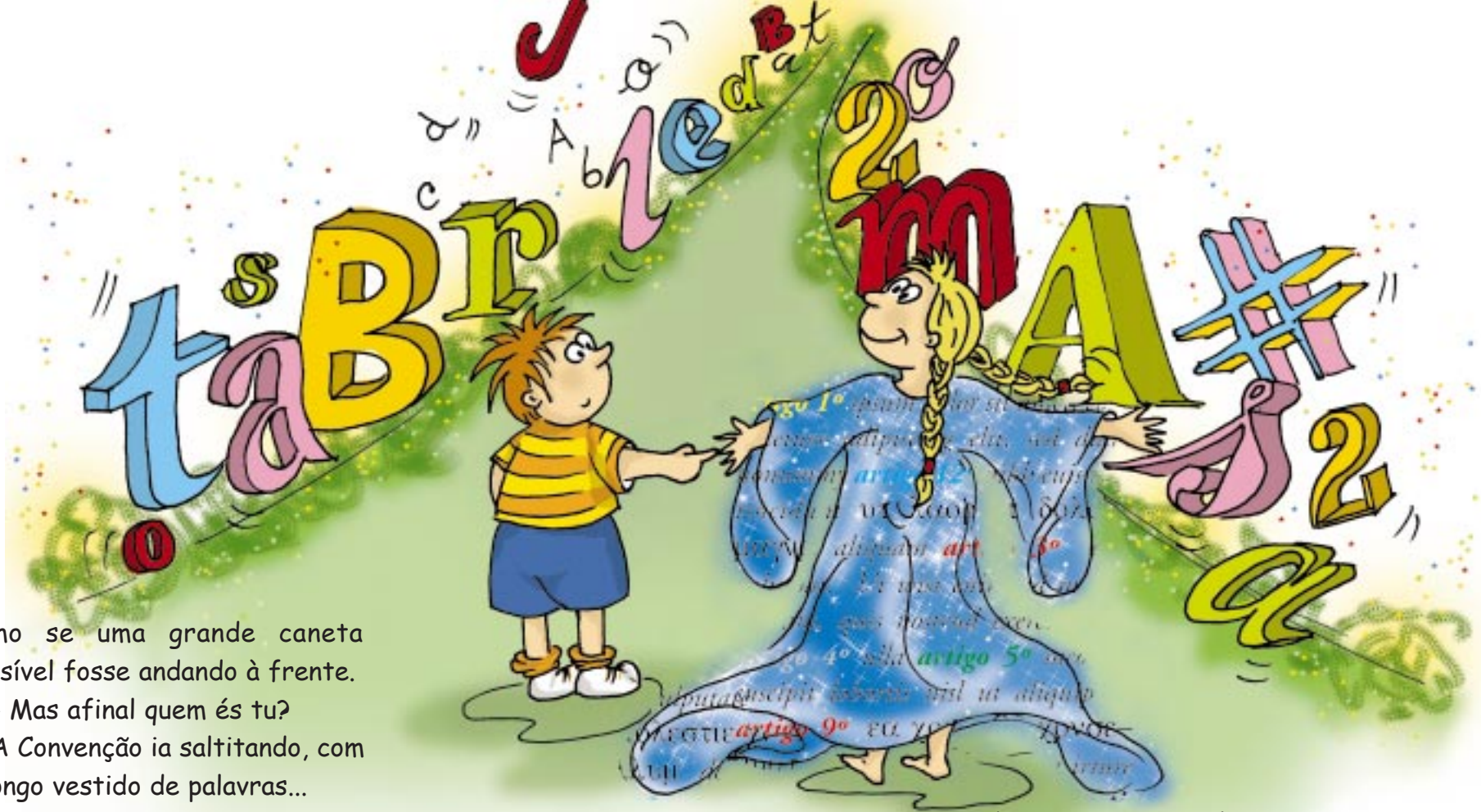
Depois ele só viu o sorriso dos pais e um bocado de papa no queixo da Guida e a seguir ficou tudo enevoado, a andar à volta muito depressa, como se estivessem dentro de um tufão.

Por fim aterraram num espaço completamente em branco, que parecia uma enorme folha do seu caderno de desenho.

- Onde é que estamos? - perguntou o João
- Na terra dos direitos.
- Mas está tudo vazio.
- Aqui. Porque é o aeroporto dos direitos novos. Daqueles que ainda não foram escritos. Anda comigo que eu vou mostrar-te o resto...

E lá se puseram a caminho, através de uma estrada de letras que apareciam à medida que iam avançando





como se uma grande caneta invisível fosse andando à frente.

- Mas afinal quem és tu?

A Convenção ia saltitando, com o longo vestido de palavras...

- Chamo-me Convenção dos Direitos da Criança, mas podes chamar-me São e nasci há 12 anos. Em 1989 as Nações Unidas resolveram aprovar-me para defenderem os direitos de todas as pessoas com menos de 18 anos...

- Hum... então és uma lei?

- Exacto! Sou feita de artigos...

- E cada um deles fala de um direito, não é? - insistiu ele.

- Muito bem, sabes disto não há dúvida!

O João ficou todo orgulhoso. Já ouvira falar dos

Direitos das Crianças nas aulas, mas nunca imaginara que fosse divertido conhecer uma lei.

- És muito mais gira do que eu pensei...

A Convenção sorriu vaidosa. E no espaço de segundos os seus olhos passaram de azuis a orientais.

- Como é que fazes isso?

- Ora, é fácil... o meu artigo 2º diz que as crianças têm todos os direitos independentemente da raça, do sexo, da língua ou da religião. Por isso consigo ser igual a todas as crianças do mundo e sempre

diferente. Adoro mudar de visual... ora vê...

E num passe de mágica os seus cabelos ficaram escuros e muito encaracolados como uma criança da Nigéria e depois pretos e lisos, como em Goa, a seguir presos numa trança mexicana e depois de um amarelo quase branco vindo directamente da Noruega.

O João estava espantado.



- Oh São... e tu consegues transformar-te em rapaz?
- Claro. - E num instante ela ficou igual a ele, o mesmo cabelo ruivo espetado, o mesmo nariz, os mesmos joelhos salientes e cheios de arranhões.
- Sou eu!!!
- Yes, oui, ya, sim, si...
- Que estás a dizer?
- Estou a demonstrar a minha cultura... porque eu falo todas as línguas.

Entretanto a paisagem mudara completamente. Estavam agora em frente de um grande portão dourado.

- Este é o Jardim da Infância, a zona da terra dos direitos onde as crianças são as pessoas mais importantes. Anda, vamos conhecer o Juizinho, que é um rapaz muito bem comportado que está sempre preocupado em aplicar os meus artigos. Ele é que diz se pode entrar.



Logo à entrada do Jardim, por detrás de uma grande secretária estava o Juizinho, vestido com um bibe escuro, óculos redondos, a escrever de forma muito concentrada, deixando ver um bocadinho de língua.

- Bom dia Juizinho... trago consigo o visitante escolhido para o aniversário deste ano. Chama-se João.
- Hummm. - Ele olhou por cima dos óculos e questionou - E tens tido juizinho?



- Sim, senhor - respondeu o João.
- Bem, é que não basta ter direitos, é preciso saber utilizá-los, ser responsável e cumprir os deveres. Achas que és capaz?
- Sim... - disse ele com convicção.
- Então podes entrar... adeus São, até à próxima - e o Juizinho mergulhou logo nos papeis.

A Convenção puxou o João por um braço e entraram num bosque com árvores enormes. Andaram por entre os troncos grossos, cheios de placas coloridas com nomes, até que pararam em frente a um velho plátano que tinha escrito o apelido da família do João.

- Até que enfim... Esta é a floresta das árvores genealógicas. Cada família tem uma árvore onde estão registados os nomes de todos os membros, a data e o local onde nasceram. Tu também estás aqui registado, tal como diz o meu artigo 7º. Olha.

E lá estava...o seu nome muito bem registado.

Mas mal teve tempo de gozar esse momento, já a Convenção o empurrava para dentro de um edifício que parecia a sua escola... que tinha uma tabuleta que dizia "Escola de Pais".

O João começou a rir-se...

- Ah, ah, ah...não sabia que agora os pais também







tinham que aprender a ler e a escrever... ah, ah, ah e também lhes perguntam a tabuada... aposto que não sabem... ah, ah, ah...

- Não te rias... olha que isto é sério... não aprendem isso mas precisam de saber outras coisas. Os direitos das crianças dependem muito dos pais e, por vezes, dos avós, dos tios e do resto da família.
- Também tens isso escrito no teu vestido de artigos?
- Tenho pois, nos artigos 3º, 18º, 19º e 27º...

O João andava volta dela a ver se conseguia ler o que os artigos diziam, mas era difícil pois eles pareciam

fugir e tão depressa estavam escritos em japonês, como em árabe, ou em português. Além de que... bem... era preciso dizer a verdade, ele ainda não lia muito bem.

- São, troca lá isso por miúdos...
- Bem, os artigos dizem que um adulto que seja responsável por uma criança deve fazer o que for melhor para ela...e isso significa que devem esforçar-se para que não lhe falte nada e não podem maltratá-la. João lembrou-se dos seus pais e suspirou... pensou que tinha muita sorte.
- E quando os pais não fazem isso?
- Também pensei nisso e por isso tenho aqui no bolso os artigos 20º e 21º, que garantem que as crianças



que não têm pais, ou não podem viver com eles, merecem o mesmo respeito.

- Pensas em tudo...

- É verdade. Olha como os pais tomam apontamentos sobre os vossos direitos. Não é fácil ser mãe ou pai, exige trabalho, tempo, dedicação e amor... e para não falharem de vez em quando precisam de auxílio.

O João prometeu a si próprio que se ia lembrar disso cada vez que não lhe apetecesse obedecer.

- Bem, vamos continuar a visita... Próximo destino, a Arca dos Desejos.

- Uau!!!

E largaram os dois a correr até verem uma arca escura, do tamanho de um prédio de cinco andares. Parecia um baú do tesouro como ele via nos livros de aventuras.

O buraco da fechadura era tão grande como uma porta e muito escuro... metia um bocadinho de medo.

- Como vamos entrar ali?

- Vamos escalar, gostas de desportos radicais não gostas?

- Sim... bem... acho que sim.

- Então vamos a isto.

A Convenção iniciou a escalada, agarrando-se aos rebordos da madeira e subindo cautelosamente.



Procurando toda a sua coragem, o João seguiu-a. Os seus ténis escorregavam e as mãos começaram a ficar doridas. Apesar do desconforto estava a viver uma aventura... ia fazer um sucesso quando contasse aos colegas.

Estava tão concentrado no seu exercício de alpinismo que não se apercebeu de uma sombra negra que se aproximava silenciosamente. Só deu por isso quando foi agarrado com força e elevado nos ares, preso por umas garras duras.

- Socorro Convenção, socorro.... - gritou a plenos pulmões mas ela nada podia fazer, não passava de um pontinho branco no meio da Arca muito lá em baixo.

Apesar da São Ihe ter dito que os artigos que tinha nos braços, o 11º e o 35º disserem que não podia ser raptado ou vendido, estava a ser raptado por um grande pássaro mecânico. Ao olhar para cima via o corpo feito de metal prateado com umas asas compridas que chiavam com falta de óleo.

Sobrevoaram um campo de trigo, atravessaram um traço azul irregular, que devia ser um rio e começaram a descer para um desfiladeiro cheio de cavernas.

- Socorro!!!

A ave iniciou um voo picado em direcção ao chão, fazendo gincana pelo meio das rochas a uma velocidade





maior do que qualquer jogo electrónico. Por fim aterrou no meio do pó, depositando o João numa espécie de gaiola.

- Eh! O que é isto? Não me podem prender assim. Eu tenho o direito a defender-me...

Ninguém lhe ligou nenhuma. À sua volta estendia-se uma espécie de aldeia feita de ninhos ovais e pelas ruas estreitas passeavam uns feios pássaros, todos desengonçados.

Nenhum tinha duas asas iguais, os bicos pareciam narizes esmurrados e os olhos estrábicos saíam das órbitas.

- Iac... que bichos tão feios.

Uma voz baixinha ao lado dele explicou:

- São os Tortos... não gostam que as crianças tenham direitos.

Quem falava era um menino, mas na cara muito suja só se percebiam dois grandes olhos.

- Quem és tu?

- Sou o Rui mas chamam-me o "dedo no ar", porque estou sempre a pedir a palavra no CCL.

Eu não me ralo, afinal tenho direito a dizer o que penso, está no artigo 13º.

- O que é isso do CCL?

- Clube das Crianças Livres. Foi criado porque a



convenção dos direitos da criança tem o artigo 15º, que diz que podemos reunirmo-nos com outras pessoas e criar grupos e associações, desde que não violes os direitos das outras pessoas. Conheces a Convenção, não conheces?

- De ginjeira....

- Apresento-te os outros membros da Associação. A Marta, vice-presidente, o Rogério, tesoureiro, a Ana e o Pedro. Viemos libertar-te.

Um a um foram surgindo os seus novos amigos e com eles esgueirou-se por entre as grades da gaiola.

Atravessaram a cidade e o João foi vendo muitos rapazes e raparigas, carregados com baldes de água, limpando o chão com grandes vassouras.

Por vezes via-se um menino ou uma menina a fugirem de um grupo de pássaros que os perseguiam, tirando fotografias e rindo.

- O que é se passa aqui "dedo no ar"?

- Os Tortos não reconhecem a Convenção nem a aceitaram como fez Portugal. Na terra deles as



crianças são exploradas, têm que trabalhar, não têm acesso a remédios quando estão doentes.

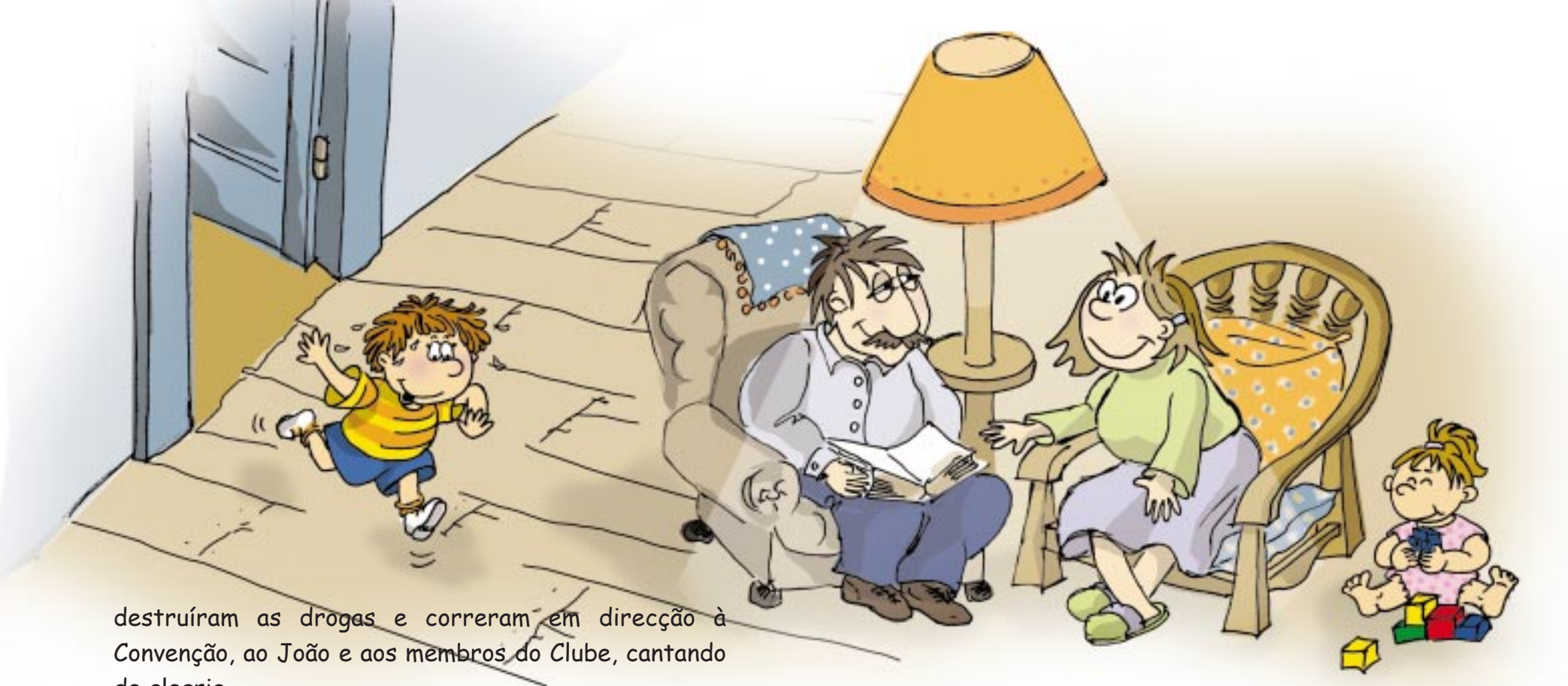
- Então é perigoso viver aqui.
- Muito. Por isso nós tentamos ajudá-los a fugir e explicamos o que é a Convenção e o que ela diz, porque temos direito a ser informados.
- Artigo 17º - disse o João.
- Fixe... és cá dos meus.
- Sabem o que acho? Que devíamos chamar a São para ela acabar com os Tortos.

Foi só pedir. Subitamente o céu foi tapado por um lençol branco, que era nem mais nem menos do que o vestido da Convenção. E dele choveram centenas de palavras.

Palavras bonitas como criança, pais, bem, casa, alimento, pátria. Palavras doces que caíam no chão seco e faziam nascer plantinhas tenras, com nomes de novas famílias. Palavras frescas como saúde, protecção e ajuda que tombavam nas aves metálicas e as deixavam enferrujadas e avariadas. Palavras fortes como cultura, paz e vida e transformaram o desfiladeiro em mais um canteiro do Jardim das Crianças.

Quando a chuva parou, todas as raparigas e rapazes se libertaram das prisões, deixaram as enxadas,





destruíram as drogas e correram em direcção à Convenção, ao João e aos membros do Clube, cantando de alegria.

- Meus amigos, é hora de festejar o meu aniversário e exercer o direito que tenho aqui escondido no meu cinto.... o Direito a Brincar.

Todos gritaram de alegria e a festa começou cheia de cor.

O João correu, comeu e riu como nunca tinha feito, experimentando coisas diferentes e conhecendo amigos de todas as idades e todas as raças.

Ao fim da tarde, afogueado, com o cabelo colado à testa e as pernas cansadas, achou que era altura de se ir embora e foi ter com a sua amiga Convenção.

- Olha, eu estou a gostar muito mas acho que agora são horas. Tenho saudades de casa.

- Muito bem João. Vou fazer a tua vontade... basta entrar na Arca dos Desejos.

- Mas vou ter que escalar?

A Convenção riu-se.

- Não, desta vez poupo-te. Podes ir pelas traseiras, onde há um elevador.

O João despediu-se de todos, deu um grande abraço à sua amiga e num minuto já estava na sala da sua casa ao pé dos pais e da irmã Guida.

28º - A criança tem direito à educação devendo ser-lhe assegurado pelo Estado os diversos graus de ensino, em função das suas capacidades e em igualdade de oportunidades.



16º - A criança tem o direito a não ser sujeita a intromissões bitrárias ou ilegais na sua vida privada, na sua família, no seu domicílio ou correspondência, nem a ofensas ilegais à sua honra e reputação.

12º - A criança tem o direito de se exprimir livremente e de que a sua opinião seja considerada nas questões que lhe respeitam

35º - Cabe ao Estado tomar as medidas adequadas para impedir o rapto, a venda ou tráfico de crianças.

4º - O Estado deve adoptar todas as medidas ao seu alcance, necessárias à realização dos direitos da criança.

30º - Toda a criança que pertença a uma minoria étnica, religiosa ou lingüística

7º - A criança tem, desde o nascimento, o direito a um nome, o direito de conhecer os seus pais, cabendo ao Estado promover a realização destes direitos.

36º - Cabe ao Estado proteger a criança

- Então, conta-nos tudo? Foi um dia em cheio, hã?
- Ele ficou sério e um pouco comovido. Pensou, pensou e depois disse:
- Foi bom foi, mas não vou dizer nada. Desculpem mas é um segredo meu, que vou guardar. Afinal tenho direito à minha privacidade... artigo...
- 16º - disseram os pais em coro... e riram-se.
- E o João pensou, de si para si, que os pais também tinham estado na Terra dos Direitos nesse dia.





Fim